

FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO (FNPJ)
XIV ENCONTRO NACIONAL DE PROFESSORES DE JORNALISMO
X CICLO NACIONAL DE PESQUISA EM ENSINO DE JORNALISMO
MODALIDADE DO TRABALHO: Comunicação Científica
GRUPO DE PESQUISA: Pesquisa na Graduação

Etnografia na iniciação científica em jornalismo: os primeiros passos de uma técnica de investigação

Cíntia Xavier¹

RESUMO

A prática da pesquisa desde as séries iniciais da graduação se constitui num desafio para estudantes e professores, mas é papel da universidade oferecer espaço para a iniciação científica do aluno, já nas séries iniciais da graduação. A condução de algumas metodologias de pesquisa podem ser práticas inovadoras quer no trabalho de aplicação feita pelo estudante, quer no processo de orientação. O presente texto vai tentar descrever como um grupo de pesquisa orienta o uso da etnografia como técnica de investigação para o acompanhamento das rotinas produtivas nas redações. Afinal de contas percebemos modificações nas rotinas produtivas no jornalismo, mas nos deparamos com uma série de dificuldades para sistematizar e compreender o que representam tais modificações. O fazer jornalístico da atualidade precisa ser observado, porque nele podem estar aparentes os valores do jornalista, formas de abordagem noticiosa e até mesmo podemos observar outros valores notícia dos que os sistematizados em outros momentos pela pesquisa científica no jornalismo.

Palavras-chave: Etnografia. rotinas produtivas. iniciação científica.

¹ Professora do curso de graduação em Jornalismo e do mestrado em Jornalismo da UEPG.
cintia_xavierpg@yahoo.com.br

1. Introdução

O percurso que apresentamos envolve pelo menos três aportes: a defesa do jornalismo como profissão autônoma, constituído por um *ethos* próprio; a etnografia como método de investigação para a pesquisa em jornalismo; e o relato sobre o exercício da pesquisa na iniciação científica.

Para a definição de uma autonomia e *ethos* no jornalismo reunimos autores como Traquina (2004) e Barros Filho (2003). As incursões pela etnografia como ferramenta para observar o trabalho jornalístico foram ensaiadas a partir de Travancas (2006) e (1993), Durham (1986), Lago (2007), Bronosky; Shoenherr (2010).

Além dos aportes teóricos, consideramos importante descrever o trabalho realizado no grupo que pesquisa as lógicas de produção no jornalismo, que os alunos costumam apelidar de grupo de pesquisa em rotinas. Fazem parte do relato as dificuldades de manter um grupo com o perfil que busca discutir o jornalismo, propondo acompanhamento das redações, com objetivo específico de entender os pormenores da rotina produtiva.

Uma das dificuldade que apontamos aqui é a proposta de acompanhamento e descrição densa da observação realizada nas redações. A tarefa de acompanhar in loco as redações é realizada pelos estudantes de graduação que participam da iniciação científica. O processo de orientação dos alunos dura em média um ano, período de desenvolvimento dos projetos de iniciação científica. Um dos desafios encontrados para o tipo de ferramenta metodológica que o grupo trabalha é justamente preparar o olhar dos estudantes para a observação de campo.

2. Acerca da profissão jornalista

O jornalista está cercado de valores, com os quais se identifica e é identificado. Dentre os valores estão a liberdade e a luta pela defesa da liberdade. Podemos identificar ainda necessidade de independência e autonomia destes profissionais, nas suas relações de trabalho e em relação a outros agentes sociais. Por fim, a credibilidade é um valor que se adquire quando se busca autonomia e independência (TRAQUINA, 2004, p.68). Todos os valores apontados ajudam a conformar e a compor um *ethos* da profissão.

Num processo circular entre os membros da “comunidade interpretativa” e a sociedade democrática, o jornalismo foi definido com o preenchimento de certas funções na sociedade, ou, se preferirem, no cumprimento de papéis sociais bem precisos. (TRAQUINA, 2004, p.65)

Os valores e o papel social do jornalista implicam também no reconhecimento de saberes profissionais constituídos. Entre eles se destacam “o “saber de reconhecimento” é a capacidade de reconhecer quais são os acontecimentos que possuem valor como notícia” (TRAQUINA, 2004, p.80). Ao jornalista é atribuída também a busca por um “saber de procedimento” que está ligado a necessidade de saber quais são os passos indispensáveis para recolha dos dados para elaboração da notícia. Este saber pode ser observado na “competência jornalística que é o conhecimento das regras acerca das fontes de notícias”, por exemplo (TRAQUINA, 2004, p. 81).

Por fim, outro saber profissional que constitui o reconhecimento do jornalista como profissional é o que Traquina (2004, p.81) chama de “saber de narração” que está na possibilidade de rearranjar as informações, resultado da coleta de dados e do diálogo com as fontes da notícia, “numa narrativa noticiosa, em tempo útil e de forma interessante”. Ainda sobre o “saber de narração” o jornalista precisa dominar um vocabulário próprio, com as regras de estilo do texto jornalístico (TRAQUINA, 2004, p.81).

Todos os valores e saberes que compõem a profissão jornalista são reconhecimentos que existem de forma externa, pela sociedade e interna, pelos próprios jornalistas. Mas no seu cotidiano os jornalistas não trabalham de forma consciente com estes valores. Eles estão introjetados e configurados na forma como conduzem os afazeres nas redações (que têm regras próprias normalmente denominadas de políticas editoriais, descritas nas linhas seguintes do presente texto), que não são reivindicados, de forma consciente para o processo de produção da notícia.

Os valores e saberes estão interiorizados num conjunto de costumes e técnicas. É o que Barros (2003, p.11) chama de *habitus*: “servimo-nos do conceito de *habitus*, enquanto conjunto de esquemas de classificação do mundo, interiorizados ao longo de uma trajetória social singular e gerador de comportamento de cálculo”.

Junto com os valores e saberes e a conformação de um *habitus* inerentes à profissão jornalista estão os constrangimentos organizacionais (SOLOSKI, 1993; BREED, 1993), que atravessam e interferem na produção da notícia. Para Soloski (1993) o profissionalismo é um método eficiente, utilizado pelas organizações jornalísticas para controlar e limitar o comportamento dos jornalistas.

As regras desenvolvidas pelas organizações jornalísticas são denominadas políticas editoriais. Entre os benefícios das existências das regras nos ambientes redacionais se inscreve a necessidade de cercar a imprevisibilidade das notícias. “As decisões acerca da cobertura noticiosa devem ser tomadas rapidamente, com pouco tempo para discussão ou tomadas de decisão em grupo (SOLOSKI, 1993, p. 92).

Breed (1993, p. 155) por sua vez aponta que a política editorial não é dita aos jornalistas, mas que essas regras são apreendidas no processo socializador do interior das redações. “Em termos sociológicos, isto significa que se socializam e “aprendem as regras” como um neófito numa subcultura”.

A partir destas rápidas pinceladas sobre o jornalista, seu papel, o produto resultante do seu trabalho e as regras no interior das organizações jornalísticas, entendemos que é complexo o agir do jornalista. Para entender este agir não se pode dissociar a necessidade de compreender os processos de produção da notícia. Um olhar que está voltado para compreender as redações.

3. O olhar etnográfico

As ferramentas de pesquisa etnográfica têm sua origem nos estudos de antropologia. É atribuída a Malinowski a observação e recriação de culturas através da descrição densa de dados empíricos. Segundo Durham (1986, p.8), Malinowski realiza, num texto pouco conhecido, a crítica radical ao evolucionismo e propõe um novo modo de interpretação etnográfica.

A contribuição de Malinowski para a constituição da etnografia como técnica de investigação se dá primeiramente no tratamento dado por este para os dados empíricos e a recriação de algumas culturas a partir do que passou a ser chamado de descrição densa. “Esse respeito aos dados empíricos e o virtuosismo na sua manipulação é essencial na obra de Malinowski porque, sem eles, é impossível caracterizar e preservar aquilo que constitui uma preocupação central do autor: a especificidade de cada cultura” (DURHAM, 1986, p.10).

O conceito de cultura concebido por Malinowski é amplo e “engloba a tecnologia, as relações sociais ordenadas através de regras, as crenças, o ritual, a arte” (DURHAM, 1986, p.11). A inovação que Malinowski propõe, segundo Durham (1986) está na concepção de

que cultura deve ser observada como síntese integrada. “O comportamento concreto de pessoas reais constitui sempre uma unidade, que engloba necessariamente a utilização de objetos, a atividade grupal e a manipulação de símbolos” (DURHAM, 1986, p. 11).

A interpretação de que a observação de culturas a partir de elementos materiais, relações sociais, expressões simbólicas extrapolam as observações em ambientes exóticos, o mergulho na cultura do outro, conforme denomina Travancas (2006), ganha novos contornos e apropriações. “Antropólogos não estudarão exclusivamente sociedades indígenas ou distintas e distantes do pesquisador. Começarão a desenvolver trabalhos sobre a sua cidade, os seus bairros, os seus habitantes e as suas profissões” (TRAVANCAS, 2006, p.99).

É o ponto em que Travancas (2006) e Lago (2007) defendem o uso das técnicas de investigação da etnografia para a pesquisa na comunicação e mais especificamente no jornalismo. “A relação entre antropologia e jornalismo remonta pelo menos ao início do século XX, quando a Escola de Chicago voltou seu olhar para o meio urbano e estudou sua relação com a mídia a partir de um trabalho com feições antropológicas” (LAGO, 2007, p.48).

Quais são os elementos de uma abordagem etnográfica? Entendemos que há alguns aspectos que determinam que uma pesquisa utiliza de técnicas de investigação etnográfica, já citamos o trabalho de campo e a descrição, denominada densa. O trabalho de campo é um tipo de observação que em muitos casos prevê o contato com o grupo observado durante um longo período, permitindo uma análise em profundidade de uma cultura (DURHAM, 1986).

O trabalho de campo requer certa dose de esforço ao pesquisador: “Com isso, o trabalho de campo (*fieldwork* para muitos dos antropólogos) torna-se uma experiência crucial: implica em um desenraizamento cultural, um despir-se da própria cultura e um tipo de entrada na cultura do Outro (LAGO, 2007, p. 50).

Outro elemento que pode ser associado à técnica de investigação etnográfica é o uso do caderno ou diário de campo. “Este caderno terá um papel fundamental. Nele o pesquisador anotarás as questões que o levaram a escolher aquele grupo e aquele tema, e as perguntas que tem em mente sobre o assunto” (TRAVANCAS, 2006, p. 101).

Por fim, o papel fundamental do antropólogo segundo Travancas é interpretar. “Interpretar o que está sendo dito, observado e sentido. O trabalho final do antropólogo – seu texto – é fruto de muitas vozes. E sabe-se que o texto produzido pelo pesquisador não pode ser visto como algo separado da sua pesquisa de campo” (TRAVANCAS, 2006, p. 104).

Travancas (2011) aplica a etnografia ao tentar reconhecer uma identidade para o jornalista. Em *O mundo dos jornalistas* a pesquisadora acompanha o trabalho dos jornalistas, entrevista-os para entender que tipo de imagem estes profissionais fazem de si mesmos, enquanto atores sociais, e do trabalho que realizam. Divide-os em duas categorias, que denomina de jornalistas mais velhos e os jovens jornalistas. Ao fazer a divisão a pesquisadora busca encontrar os elementos similares, que seriam as possíveis características inerentes aos jornalistas.

Travancas (2011) encontra as noções de tempo e espaço como sendo importantes para a categoria. Como a pesquisadora observa três repórteres em três veículos diferentes, jornal impresso, televisão e rádio, também encontra particularidades na produção e no trabalho dos jornalistas pesquisados. Encontra diferenças no modo de vestir dos jornalistas, conforme o veículo.

Entre as conclusões a que a autora chega está o fato de que a identidade do jornalista é a síntese de uma série de papéis desempenhados e da ênfase que o grupo em está inserido lhe atribui. “Acredito ser possível falara de uma identidade do jornalista construída apesar de ou sobre essa tensão. Ou seja, essa identidade não é exclusivista ou determinante, ela é a síntese de uma série de papéis desempenhados por um indivíduo, com funções diversas” (TRAVANCAS, 2011, p. 145).

Diferentemente da pesquisa de Travancas, não é o jornalista em si que interessa, mas as condições de produção da notícia, e quem define o que é notícia no telejornal é a investigação de Vizeu (2005). Ele usa os instrumentos de investigação da etnografia para o acompanhamento da rotina produtiva para entender em quem ou no que está a definição do que é notícia. Chega a conclusão que os editores é quem dão a palavra final para determinar quais são os assuntos que devem ser notícia. Outro fator que envolve a definição de notícia para a televisão é o tempo, de forma mais acentuada do que em outros veículos.

Uma outra característica do processo produtivo da informação é que a noticiabilidade de uma notícia é constantemente negociada: o editor-chefe negocia com a subchefia de reportagem e com os editores de texto os fatos que podem ser noticiáveis – um exemplo são as explicações do editor dos motivos pelos quais está derrubando uma matéria –, também os editores de texto negociam, algumas vezes, com os editores de imagem, a melhor forma de montar uma matéria. (VIZEU, 2005, p.120)

As pesquisas desenvolvidas por Travancas e Vizeu são exemplos de como objetos do jornalismo podem ser trabalhados à luz dos instrumentos etnográficos. Eles trazem a

partir do trabalho de campo conhecimentos sistematizados a cerca da profissão e da produção noticiosa dentro da realidade brasileira.

4. O exercício da pesquisa na iniciação científica

A linha de pesquisa “Lógicas de produção e consumo no jornalismo” faz parte do grupo de pesquisa vinculado ao CNPq, intitulado “O conhecimento no jornalismo”. O grupo foi criado em 2010 reúne professores e alunos da graduação em jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Em 2012 conta com três professores e 10 alunos associados à linha de pesquisa, destes três estão vinculados aos programas de iniciação científica, que terminará em agosto de 2012. a partir de agosto de três a cinco estudantes devem ser vinculados à iniciação científica.

Entre os objetivos dos pesquisadores estão discutir temáticas de pesquisa associadas às reflexões a respeito da etnografia, pressupostos metodológicos da antropologia, que vão gerar múltiplas e muitas vezes simultâneas investigações nas redações. Não é imperativo fazer etnografia em todos os projetos de iniciação científica vinculados ao grupo, mas os projetos de pesquisa estão orientados para tentar entender os processos produtivos. Ou seja, entender a produção de uma notícia em determinada editoria, por exemplo, pede que se observe como os jornalistas e estruturas noticiosas se organizam para produzir aquela notícia.

Ao longo dos dois primeiros anos foram realizados estudos sobre a bibliografia pertinente relacionada à antropologia, descrição densa e ao trabalho de campo, sempre procurando os elementos para associar à pesquisa em jornalismo. Os estudantes, vinculados ao grupo de pesquisa, realizaram também suas incursões, indo até às redações, a partir dos projetos elaborados para a iniciação científica.

Cinco estudantes concluíram suas pesquisas no primeiro ano de funcionamento do grupo (meados de 2010 até meados de 2011, conforme o calendário institucional da iniciação científica). Outros três estudantes estão no meio do processo da iniciação científica (meados de 2011 até meados de 2012, seguindo o calendário).

As reflexões teóricas, aproximações e observações nas redações geraram 10 artigos científicos apresentados pelos alunos de iniciação científica e professores nos seminários e eventos de pesquisa locais e regionais, promovidos no curso de jornalismo. Quatro textos

foram produzidos no ano de 2010: “A influência do *ombudsman* nas rotinas produtivas do Jornal da Manhã” (2010); “Indicações sobre descrição de cenários de produção jornalística” (2010); “As rotinas produtivas no jornalismo policial do Diário dos Campos e do Jornal da Manhã” (2010); As principais características de um jornalismo especializado: O jornalismo econômico visto de dentro – estratégias de apropriação (2010).

Em 2011 a produção subiu para seis trabalhos nos eventos de pesquisa: “Rotinas produtivas: o dia-a-dia dos assuntos policiais” (2011); “O uso das novas tecnologias na definição da notícia no Jornal da Manhã” (2011); “Estratégias de apropriação: As rotinas produtivas do jornalismo econômico local” (2011); “Representante do Povo: a trajetória do ombudsman do Jornal da Manhã” (2011); “Jornalismo Participativo: observação das rotinas da TV Esplanada afiliada a Rede Globo” (2011); “A influência do ombudsman nas rotinas produtivas do Jornal da Manhã” (2011).

Entre as características dos primeiros projetos de pesquisa desenvolvidos no grupo está a observação somente para a redação dos jornais impressos, redações que estão localizadas no município de Ponta Grossa. Jornais locais, denominados de jornais do interior, são redações com número reduzido de jornalistas, normalmente não passando de dez profissionais. Um único trabalho realizado dentro do grupo tem a preocupação de olhar o jornalismo de TV e ainda não há pesquisas que observem a produção noticiosa do rádio.

Entre as principais dificuldades dos estudantes, relatadas ao longo dos encontros e discussões sobre o ferramental metodológico proposto, são as incursões nas redações. Mesmo com as discussões e leituras a respeito da importância do processo de observação, da necessidade do caderno/diário de campo, há dificuldades em definir o que será necessário descrever. O que deve ser levado em conta como informação relevante na observação.

Em função das objeções apontadas, os estudantes precisam de dois momentos distintos para o acompanhamento nas redações. Uma primeira ida, que vai gerar uma descrição, para ser discutida no grupo. Depois do processo o estudante volta para a redação para a segunda etapa do acompanhamento, aí sim com mais tempo (Em geral uma semana. O que não é considerado ideal, porque algumas pesquisas com perfil etnográfico chegam a durar décadas). A seguir a descrição de uma primeira visita à redação do jornal Diário dos Campos:

Na parte da manhã, das 8h às 12h, um repórter, um fotógrafo e um motorista permanecem na redação de plantão. Mas a produção do impresso inicia com a

reunião de pauta, às 13:30. A chefe de redação e os jornalistas sentam-se ao redor da mesa, onde estão um jornal do Diário dos Campos, Jornal da Manhã e Gazeta do Povo, enquanto uns falam as suas pautas outros folheiam os jornais. Cada profissional fala/argumenta suas pautas do dia. Como cada jornalista é responsável por uma editoria, eles apresentam cerca de seis a sete pautas, mas são publicadas cinco ou seis. A maioria delas são aceitas pela chefe de redação, que apenas acrescenta novos pontos de vistas (gancho). Algumas pautas já são fatos que estavam acontecendo nos dias anteriores, assim funcionando como suíte. Conforme os jornalistas apresentam as pautas, a chefe de redação também direciona os fotógrafos para acompanhá-los. A reunião dura cerca de 20 minutos. (ONAGA, 2011).

Não são somente as observações são realizadas em dois momentos, mesmo as descrições são refeitas, como é o caso do trecho destacado acima, que faz parte da segunda descrição da pesquisadora. O primeiro exercício foi descartado pela própria pesquisadora, que refez a descrição. Isso porque somente no espaço das discussões, a partir da reflexão com a literatura existente é que os estudantes começam a perceber como é importante descrever detalhes.

Outro ponto a ser levantado é o tempo de permanência nas redações, em geral os estudantes conseguem permanecer no máximo uma semana na redação. Entre os impedimentos para uma permanência maior estão a integralidade do curso de jornalismo da UEPG, ou seja, quando estão nas redações os pesquisadores acabam se ausentando da sala de aula. A própria duração da iniciação científica, que é de um ano, também é um obstáculo para buscar um aprofundamento no reconhecimento das rotinas. As melhores descrições, geralmente, se encontram com os estudantes que estão fazendo o segundo ano de iniciação científica, quando há um amadurecimento da interpretação dos conceitos e da própria atividade de observação.

5. Pontuais conclusões

A partir das dificuldades listadas acima, observa-se que os procedimentos de pesquisa ainda são muito novos no grupo de pesquisa. Os resultados ainda não chegam a estar presentes de forma mais sistemática na retroalimentação do grupo. Os resultados acabam fazendo parte da discussão de forma mais solta, a partir dos relatos, mais ou menos informais dos próprios pesquisadores.

O desafio está no desenvolvimento de uma pesquisa continuada, que produza avanços constituindo-se num corpo denso sobre a reflexão rotina. Estamos aí propondo

que o resultado, a médio prazo, sejam reflexões a respeito das lógicas de produção e consumo do jornalismo em redações do interior. É possível sugerir que existam características próprias dos jornais do interior que sejam diferentes das redações dos “jornalões”.

Talvez se chegue a conclusão de que não há diferenças sobre a produção noticiosa, os critérios de noticiabilidade e a identidade dos jornalistas, mesmo que sejam diferentes os lugares de produção. Mas Bronosky e Schoenherr (2010, p. 3) sugerem que o exótico pode ser a redação dos grandes jornais e que olhamos pouco para a redação dos pequenos jornais.

Valeria aqui pensar se não reproduzimos essa tendência nos estudos do jornalismo quando escolhermos arbitrariamente grandes redações ou as maiores empresas jornalísticas para nossas pesquisas de campo, ao passo que a maior parte do jornalismo não é feita aí e as redações em cidades médias e pequenas não necessariamente funcionam nos mesmos termos. Trata-se de cotejar, minimamente, as condições históricas, mercadológicas e industriais em que se forjou a própria noção de notícia, entre outros valores elementares da atividade profissional jornalística. (BRONOSKY; SCHOENHERR, 2010, p. 03)

Não há intenções de chegar a generalizações sobre as rotinas produtivas, ainda mais em jornais do interior, porque se compreende que esse tipo de atividade de pesquisa, com ferramental etnográfico, não está preocupada com as generalizações. Pretendemos dizer que há especificidades que interferem nos processos de configuração da notícia.

Como grupo de pesquisa a expectativa é que ao longo do percurso este amadureça, especialmente quando os alunos de mestrado começarem a participar das atividades de investigação e discussões, a partir do início do curso de Mestrado em Jornalismo, da UEPG, previsto para 2013.

6. Bibliografia

AZEVEDO, Luan; BRONOSKY, Marcelo. Estratégias de apropriação: As rotinas produtivas do jornalismo econômico local. IN: IX Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo. Ponta Grossa, 2011.

_____.As principais características de um jornalismo especializado: O jornalismo econômico visto de dentro – estratégias de apropriação. IN: VIII Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo. Ponta Grossa, 2010.

BARROS Filho, Clóvis de. **O habitus na comunicação**. SP: Paulus, 2003.

BREED, Warren. Controle social na redação: uma análise funcional. IN: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

BRONOSKY, Marcelo Engel; SCHOENHERR, Rafael. Indicações sobre a descrição de cenários de produção jornalística. IN: XIII Seminário de Inverno: Desafios metodológicos na pesquisa em Jornalismo. Ponta Grossa, 2010.

DURHAM, Eunice Ribeiro (org.). **Malinowski**. São Paulo: Ática, 1986.

LAGO, Cláudia. Antropologia e jornalismo: uma questão de método. IN: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia da pesquisa em jornalismo**. Petrópolis – RJ: Vozes, 2007.

MACHADO, Samara; XAVIER, Cíntia. Jornalismo Participativo: observação das rotinas da TV Esplanada afiliada a Rede Globo. IN: IX Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo. Ponta Grossa, 2011.

ONAGA, Carla. Descrição da visita ao jornal Diário da Manhã. 26/10/2010.

PETROSKI, Daniel; BRONOSKY, Marcelo. As rotinas produtivas no jornalismo policial do Diário dos Campos e do Jornal da Manhã. IN: VIII Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo. Ponta Grossa, 2010.

_____. Rotinas produtivas: o dia-a-dia dos assuntos policiais. IN: XIV Seminário de Inverno: Mídia, segmentação editorial e grupos sociais. Ponta Grossa, 2011.

TRAQUINA, Nelson. **A tribo jornalística**: uma comunidade transnacional. Lisboa: Editorial Notícias, 2004.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. IN: BARROS, Antônio & DUARTE, Jorge. **Métodos e técnicas da pesquisa em comunicação**. SP: Ed. Atlas, 2006.

_____. **O Mundo dos jornalistas**. SP: Summus, 2011.

SOLOSKI, John. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. IN: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, teorias e “Estórias”**. Lisboa: Vega, 1993.

VALLIM, José Renan; BRONOSKY, Marcelo. A influência do ombudsman nas rotinas produtivas do Jornal da Manhã. IN: XIII Seminário de Inverno: Desafios metodológicos na pesquisa em Jornalismo. Ponta Grossa, 2010.

_____. Representante do Povo: a trajetória do ombudsman do Jornal da Manhã. IN: IX Encontro Paranaense de Pesquisa em Jornalismo. Ponta Grossa, 2011.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**: nos bastidores do telejornalismo. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

WARICODA, Lucas; BRONOSKY, Marcelo. O uso das novas tecnologias na definição da

notícia no Jornal da Manhã. IN: XIV Seminário de Inverno: Mídia, segmentação editorial e grupos sociais. Ponta Grossa, 2011.